



resenha:

CODATO, Adriano; KIELLER, Márcio. *Velhos vermelhos: história e memória dos dirigentes comunistas no Paraná*. Curitiba: Editora da UFPR, 2008. 299 p, com ilustrações.

História e memória de comunistas no Paraná

Ângelo Piori*

Muitos são os estudos sobre os comunistas no Brasil. Não o bastante, porém, para nos dar a dimensão da importância política, da tradição e da trajetória social ao longo desses quase 90 anos (a fundação do Partido Comunista ocorreu em 1922). Muitas são ainda as histórias a serem contadas (ou explicadas).

A organização partidária comunista surgiu, no Brasil, à luz da revolução russa e viveu os deleites e as agruras desse regime. A cada solavanco em Moscou, os abalos repercutiam imediatamente por aqui. É só verificar, por exemplo, os episódios da dissidência trotskista no final da década de 20, a ruptura do PCdoB em 1962 e a mudança de nome, estatuto e programa do PCB em 1992.

Internamente, os comunistas foram vítimas de longas campanhas de perseguição policial e jurídica e de uma “continua intoxicação mental” – para usar expressão de João Quartim de Moraes – por parte de setores da sociedade, desde as banais insinuações de que “comunista come criancinha” e de que “comunista é contra a família” até as acusações políticas de que estavam à serviço de países como União Soviética, Cuba, China etc. Não é sem sentido que foram os comunistas que mais sofreram perseguições políticas, prisões, torturas e assassinatos durante as ditaduras do Estado Novo (1937-1945) e Militar (1964-1985).

Por outro lado, os comunistas sempre estiveram no epicentro das principais lutas sociais do século XX, principalmente até o final da década de 60. No campo, por exemplo, foram protagonistas de diversas revoltas camponesas (Porecatú, no Paraná; Trombas e Formoso, em Goiás, foram duas das mais significativas) e do processo de constituição da maioria dos sindicatos de trabalhadores rurais, inclusive da sua estrutura organizacional superior: primeiro a Ulta e depois a Contag. Na cidade, além da força sindical, protagonizaram eventos de grande magnitude, com ou sem sucesso: a tentativa de tomada de poder em 1935 (definida como Intentona pela direita), a campanha d’ “o petróleo é nosso” e as grandes greves operárias da década de 50 são alguns exemplos.

Nas duas vezes que disputaram a Presidência da República, proporcionaram intensos debates e grandes preocupações. Na primeira, em 1945, com Yeddo Fiúza, uma

* Professor Associado da Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Programa de Pós-Graduação em História e no Departamento de História; Doutor em História e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

excelente votação, alcançando em torno de 10% dos votos nacionais¹; na segunda, em 1989, com Roberto Freire, certa humilhação nas urnas²; mas uma candidatura com intenso significado, pois depois de uma longa clandestinidade e de uma longa Ditadura Militar, um comunista voltava a ter direito de participar de uma eleição majoritária.

A história dos comunistas no Brasil pode ser analisada com expressões superlativas: muitas lutas, grandes embates, seguidas perseguições, milhares de prisões (e centenas de mortes), muitas derrotas. E uma impressionante e intensa experiência social.

É um pouco de tudo isso que encontramos no livro organizado por Adriano Codato e Márcio Kieller: *Velhos vermelhos: história e memória dos dirigentes comunistas no Paraná*. Um livro pioneiro, diga-se de passagem.

O livro é um esforço de recuperar a memória da atuação política do PCB no período de 1945-1964, mas vai muito além das fronteiras do tempo estipulado. As 10 entrevistas com militantes do PCB do Paraná que ocuparam cargos de direção nas décadas de 40, 50 e 60 são de uma riqueza inquestionável. As entrevistas tratam de temas distintos, como a vida organizacional do partido; a montagem do aparato de imprensa e de propaganda; a criação das células, dos comitês municipais e dos comitês regionais (aliás, nisso o Paraná foi pioneiro, pois existiam dois comitês regionais, um em Curitiba e outro em Londrina, com certo grau de independência entre eles); a relação com os comitês regionais de outros estados e com o Comitê Central; as várias crises internas; as principais lutas sociais e eventos políticos realizados pelo partido; a criação de sindicatos urbanos e rurais; o longo período de ilegalidade.

As entrevistas focam as atividades comunistas no Paraná, porém não deixa de dialogar com os grandes acontecimentos políticos do país, como por exemplo o governo Vargas, o levante comunista de 1935, o Estado Novo, o populismo e o golpe militar de 1964. Isso evidencia que a luta ocorria numa dimensão regional, mas fortemente marcada pela discussão dos rumos políticos nacional.

O livro de Adriano Codato e Márcio Kieller está estruturado em duas partes.

A primeira parte é formada por dois capítulos. No primeiro capítulo os autores fazem uma radiografia política da história dos comunistas no Estado do Paraná no período de 1930-1964. Mesmo que os autores enfatizem que o leitor “razoavelmente informado sobre a esquerda brasileira pode saltá-lo sem nenhum prejuízo”(p.20), eu não sugeriria aos leitores o salto, já que neste capítulo nos deparamos com informações cruciais para entender o processo de legalização do PCB em 1945, o retorno à ilegalidade em 1947 e a participação dos comunistas nos processos eleitorais regional e nacional, quer seja através da própria sigla (o que ocorreu no pequeno período de legalidade), quer seja abrigado em outras siglas partidárias (muito comum no período 1948-1964). O segundo capítulo foi escrito pela historiadora Viviane Maria Zeni e discute as experiências de

¹ Nas eleições presidenciais de 1945 foram 4 candidatos, com os seguintes resultados: 1º. Eurico Gaspar Dutra com 3.251.507 votos (55%); 2º. Eduardo Gomes, com 2.039.342 votos (35%); 3º. Yeddo Fiúza, do PCB, com 569.818 votos (9,9%) e 4º. Álvaro Rolim Telles, com 10.001 votos (0,01%).

² Nas eleições presidenciais de 1989 participaram 22 candidatos no primeiro turno. Em 1º. lugar ficou Fernando Collor de Mello, com 20.611.011 votos (28,52%) e em 2º. lugar Luis Inácio Lula da Silva, com 11.622.673 votos (16,08%). Roberto Freire, do PCB, alcançou um modesto 8º. Lugar, com 769.123 votos (1,06%). No segundo turno, disputado entre Fernando Collor de Mello e Luis Inácio Lula da Silva, o primeiro foi eleito presidente do País.

militância das mulheres comunistas nas décadas de 50 e 60. Esse é um dos poucos textos que faz uma reflexão sobre o papel da mulher comunista na atuação política e social, no Estado do Paraná.

A segunda parte é a mais instigante do livro, pois traz as 10 entrevistas realizadas e/ou coletadas pelos autores, com dirigentes comunistas do Paraná. Ao longo de 159 páginas são reveladas informações relevantes das atividades dos comunistas no Estado e, sem dúvida, essas entrevistas agora tornadas públicas, se transformaram num rico material de análise para futuras pesquisas.

É fato que algumas informações apresentadas pelos entrevistados requerem uma melhor análise e checagem dos dados. Mas isso não é um problema dos organizadores do livro, mas muito provavelmente das “memórias fugidias” dos entrevistados. Cito apenas três casos, que me são mais familiares.

Primeiro: na entrevista que Milton Ivan Heller concedeu, em determinado momento, ele enfatiza, até com certa veemência, que entre 1945 e 1964 não existiu “nenhuma força que quisesse disputar coisa alguma com o Partido, aqui no Paraná e mesmo no Brasil” (p. 102).

Os estudiosos dos movimentos sociais sabem que a Igreja Católica exerceu forte influência sobre a organização dos trabalhadores, principalmente no período entre 1960 a 1968. Um caso exemplar é a fundação da Frente Agrária Paranaense, articuladas pelos bispos e arcebispos do Paraná, para disputar a hegemonia do movimento sindical dos trabalhadores rurais³. Outro caso foi a atuação da Ação Popular (AP), que nos anos 60 teve destacada e pouca estudada atuação nos movimentos sociais, urbanos e rurais⁴.

Segundo: na entrevista de Espedito Oliveira da Rocha ele diz que o fundador do primeiro sindicato de trabalhadores rurais de Londrina foi “Zé Rodrigues”. José Rodrigues dos Santos foi um importante líder camponês do Norte do Paraná e do Brasil⁵. Foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Maringá e chegou, inclusive, a ser eleito o primeiro secretário geral da Confederação Nacional dos Trabalhadores Agrícolas do Brasil (Contag). Porém, na constituição do primeiro Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Londrina e região, fundado em 29 de janeiro de 1956, os principais precursores foram Odilon Martins, Waldevino Madeira e José Onofre Borges, com apoio do então advogado comunista Flávio Ribeiro⁶.

Terceiro: no depoimento de Odílio Cunha Malheiros Jr, ele afirma que o PCB dirigiu as revoltas camponesas de Porecatu (1948-1952) e do Sudoeste do Paraná (1957). No primeiro caso, as evidências são suficientes para afirmar com segurança que o PCB organizou, financiou e dirigiu a revolta de Porecatu. No caso do Sudoeste, não há

³ Para isso ver: PRIORI, Ângelo. Lutas sociais e conflitos políticos. Alguns temas da história de Maringá (o II congresso de trabalhadores rurais e a formação da Frente Agrária Paranaense). In: DIAS, R. B.; GONÇALVES, J. H. R. *Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional*. Maringá: Eduem, 1999. p. 155-178; e ALVARENGA, Selma C. A. *A atuação da Igreja Católica no processo de organização de trabalhadores rurais do Norte do Paraná (1960-1969)*. Maringá, 2008. Tese (Mestrado em História) – UEM.

⁴ DIAS, Reginaldo B. Sob o signo da revolução: a experiência da AP no Paraná. Maringá: Eduem, 2003.

⁵ DIAS, R.B; TONELA, C. As memórias sindicalistas de José Rodrigues dos Santos. Maringá: Eduem, 1999.

⁶ PRIORI, Ângelo. *O protesto do trabalho: história das lutas sociais dos trabalhadores rurais do Paraná*. Maringá: Eduem, 1996.

evidência empírica para tal afirmação. Silvia Maria Amâncio fez uma pesquisa pormenorizada nos documentos do PCB, do DOPS e nos depoimentos dos participantes daquela importante e emblemática revolta camponesa e não conseguiu identificar uma participação direta do PCB, tanto na organização como na condução do levante⁷. Apoiar, com certeza o PCB apoiou; mas isso não significa ter participado diretamente da organização e direção do movimento.

Essas “memórias fugidias”, no entanto, não diminuem a riqueza das entrevistas coletadas. Pelo contrário, penso que estimula os pesquisadores a cruzar outras fontes e ampliar a pesquisa dos temas desvelados por tão significativas referências.

É válido também enfatizar que o livro traz ainda três boas cronologias políticas: do Paraná e do Brasil e uma cronologia política comunista mundial, além de um importante álbum fotográfico, retirado do Fundo DOPS do Arquivo Público do Estado do Paraná, revelando a riqueza documental do outrora temido órgão de repressão política. A obra consta com prefácio de João Quartim de Moraes e um Posfácio de Dainis Karepovs. Aliás, neste posfácio Karepovs analisa, com grande apoio documental, como os comunistas do Paraná estiveram diretamente vinculados ao debate sobre a cisão que ocorreu no PCB no final dos anos 30 do século passado.

⁷ AMANCIO, Silvia M. *Ontem, luta pela terra; hoje, monumento histórico: a revolta dos posseiros do Sudoeste em suas variadas versões*. Maringá, 2009. Tese (Mestrado em História) – UEM.